

A NATUREZA DO CONHECIMENTO ORIENTADOR DA PRÁTICA DO ASSISTENTE SOCIAL FRENTE AOS DESAFIOS DO COTIDIANO

*Divanir Eulália Naréssi Munhoz**

RESUMO

O texto trabalha a natureza do conhecimento que orienta a prática do assistente social frente aos desafios do cotidiano, discutindo a necessidade de todo conhecimento estar presente no profissional de forma efetiva, do que deriva uma análise sobre a importância da criticidade frente a todo saber constituído, análise que remete tanto a pensar a relação entre saber científico e saber do senso comum, como também à questão do pluralismo e do ecletismo. Discute também a importância do profissional compreender a relação entre o plano da universalidade da teoria e sua potencialidade de servir ao plano das particularidades/singularidades concretas com que o assistente social se defronta no cotidiano da prática: a necessidade de ele saber trabalhar a mediação.

PALAVRAS-CHAVE

relação teoria-prática, ciência-senso comum, cientista-cidadão, mediação universalidade-singularidade, pluralismo

1. O conhecimento como luz para ler o singular

É na prática que o homem tem que demonstrar a verdade, isto é, a realidade, e a força, o caráter terreno de seu pensamento. O deba-

* Doutora em Serviço Social (PUC/SP). Professora do Departamento de Serviço Social e do Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

te sobre a realidade ou a irrealidade de um pensamento isolado da prática é um problema puramente escolástico (Marx, 1988, p.208).

Tem-se claro que, no âmbito do Serviço Social, o conhecimento serve tanto para leitura da realidade como para alicerçar ações nessa realidade. Mas, que tipo de conhecimento pode melhor servir ao assistente social para dar conta desses dois tipos de necessidades? Sem dúvida, aquele que melhor puder concorrer para o desvelamento da realidade e, conseqüentemente, o que melhor puder concorrer para uma ação eficaz nessa realidade.

Mas observa-se que, por razões diversas, os assistentes sociais da prática têm, em geral, fragilidade de conhecimento teórico para enfrentar o cotidiano; dessas razões, uma é a falta de preparo do profissional para proceder a mediação entre a universalidade da teoria e a configuração singular dos fenômenos no cotidiano da prática. Alguns assistentes sociais buscam o conhecimento apenas com fins pragmático-imediatistas em contraposição a outros que, embora avançando na discussão sobre temas do cotidiano, não se instrumentalizam para trabalhá-los no seu dia-a-dia; uns não descolam do plano do discurso e outros não decolam da singularidade, o que significa que não conseguem estabelecer relação entre a universalidade da teoria e a imediaticidade do singular.

E a capacidade para estabelecer essa mediação é necessária porque não se pode enquadrar a realidade concreta nos cânones do conceito, na universalidade da categoria; porque as categorias não podem constituir-se em *condicionamentos* para apreensão do real. Isso remete à necessidade da precaução para uso do conhecimento acumulado: ele deve servir para facilitar o conhecimento dos fenômenos singulares e não como obstáculo a seu desvelamento; a questão, pois, *não é aplicar teoria à realidade* mas sim desvelar a realidade mediante o concurso da teoria, donde a importância do profissional saber trabalhar a mediação.

E quanto ao *alerta para não se pretender aplicar teoria*, lembre-se Lukács quando diz que

Temos (...) tendências gerais necessárias do desenvolvimento; por isso, nessa generalidade, é possível determiná-las cientificamente.

...Mas seria absurdo supor que se possa extrair dessas perspectivas, conscientemente mantidas num plano inteiramente geral, con-

seqüências diretas para decisões (...), conseqüências que possam fazer delas um guia imediato (1979, p.170).

Vê-se também que, no caminho de melhorar o preparo dos assistentes sociais em termos de conhecimento, há necessidade de romper-se com a compreensão de conhecimento científico e senso comum como instâncias opostas, porque na ação humana indiscutivelmente os dois se entrelaçam. É preciso adotar postura que admita o diálogo entre ambos, onde se reconheça a relativa provisoriedade da verdade científica, a não-neutralidade e a falibilidade do cientista, características que diminuem a distância em relação ao senso comum; até porque ao lado disso também é necessário reconhecer que, sob a crítica ao senso comum se esconde muitas vezes uma crítica à prática cotidiana, onde esse tipo de saber comparece com mais expressividade. E essa crítica diz respeito de perto ao Serviço Social, especialmente porque sua atuação se verifica num âmbito da vida do homem onde é pouco nítida a distinção entre o que faz o profissional e o que faz o leigo.

Mas o assistente social precisa do conhecimento científico para dialogar com a experiência e conseqüentemente com o senso comum. Todavia, esse conhecimento científico, para poder efetivamente ajudá-lo, deve estar presente no profissional de forma efetiva, isto é, transformado de “em si” em conhecimento “para o profissional”, e incorporado por este de forma semelhante ao que acontece com o senso comum, de modo que possa impregnar quase que espontaneamente suas ações; é o processo que Boaventura de Sousa Santos considera como a sensocomunização do conhecimento científico. Eis aí um desafio para os professores envolvidos no processo de graduação em Serviço Social: despertar os alunos para a indispensabilidade da transformação do conhecimento de “em si” em “para si” (para o aluno, para o profissional: conhecimento lido, criticado, “digerido”, reelaborado...).

2. O diálogo entre teorias: obedecendo à realidade

Outrossim, considerando o conhecimento em relação à sua capacidade de habilitar o homem para desincumbir-se de seus misteres como profissional, vem à tona outra questão referente à sua natu-

reza. Quanto a isso, no plano do conhecimento de que o assistente social pode lançar mão, reconhece-se a herança de Marx como dotada de grande potencial analítico e, conseqüentemente, os elementos centrais da teoria de Marx como o eixo em torno do qual se movem os projetos hegemônicos para a profissão. Além disso, esse é também o eixo que possibilita a interlocução com outras teses sobre sociedade e com construtos teóricos sobre aspectos particulares da realidade, porque a teoria precisa estar sempre sujeita à dinâmica da necessidade e da curiosidade, que é a dinâmica do modo-de-ser do homem no mundo; pretender-se uma prática a partir da perspectiva crítico-dialética inaugurada por Marx não significa acatar-se subservientemente tudo o que Marx disse, nem estar-se obrigado a encontrar justificção para o que ele deixou de dizer.

Diz Carlos Néelson Coutinho que “a mais ampla liberdade de criação tem como contrapartida necessária a mais ampla liberdade de crítica” e, embora isso - essa “dupla liberdade, de criação e de crítica” - implique e exponha, tanto criador como crítico, ao acerto e ao fracasso, não se pode esquecer que indica e reflete a historicidade do mundo e especialmente a “dialética da vida cultural, na pluralidade de suas orientações e tendências” (Coutinho, 1990, p.33-34). Segundo Gramsci, supondo-se que, na “discussão científica”, o interesse esteja voltado para a “pesquisa da verdade e o progresso da ciência, demonstra ser mais ‘avançado’ quem se coloca do ponto de vista segundo o qual o adversário pode expressar uma exigência que deva ser incorporada, ainda que como um momento subordinado, na sua própria construção”, pois a compreensão e a valorização, “com realismo”, da “posição” e das “razões” do outro - do “adversário”¹ - “significa justamente estar liberto da prisão das ideologias”², ou seja, “significa colocar-se em um ponto de vista ‘crítico’, o único fecundo na pesquisa científica” (1989, p.31).

Nisso encontra fundamento a discussão sobre o pluralismo, tido este como ampliação da capacidade de leitura da realidade para uma conseqüente intervenção na mesma. As chamadas grandes teori-

¹ Entendo que o “adversário”, o **outro**, pode ser tanto um sujeito singular situado na nossa contemporaneidade, como todo o saber já universalmente construído. Diz Gramsci: “o adversário é, talvez, todo o pensamento passado” (1989, p. 31).

² No contexto dessa sua fala, Gramsci refere-se a **ideologia “no sentido pejorativo, de cego fanatismo ideológico”**(1989, p. 31).

as estão sendo questionadas em relação à sua capacidade/incapacidade de dar conta da dinâmica do real, se usadas em termos de categorias e conceitos fechados pretensamente abarcadores de todas as nuances da realidade. Daí a franquia para o recurso a teorias auxiliares (concretas, parciais, setoriais, intermédias) as quais, embora limitadas para dar conta das relações entre os diferentes aspectos da realidade, podem oferecer um conhecimento bastante amplo dentro dos limites que se propõem. Ou seja, por terem objetos mais delimitados, menos relacionais, mais específicos, podem aprofundar a exploração -cada uma sobre seu objeto.

Entende-se, no entanto, que, para as buscas plurais não correrem o risco de derivar para uma heterogeneidade desconexa, é necessário que o estudioso/profissional tenha claro para si o porquê de navegar por veios explicativos distintos para analisar, conforme denominação de Alba Maria Pinho de Carvalho (1992, p.55), “o micro, o pontual, o particular”, e de conjugar teoria principal e teorias auxiliares.

João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, em *Metodologia das Ciências Sociais*, falam em *teoria principal* e *teorias auxiliares*: se tomarmos a teoria como “conjunto de conceitos construtores do objeto a investigar - *teoria principal* -” não é possível assegurar que ela consiga sozinha “controlar racionalmente todas as componentes do ciclo de observação/demonstração empírica”; por isso, é necessário recorrer-se a “conhecimentos (sob a forma de *teorias auxiliares*”(1986, p.58-59), que ajudem a entender a lógica própria que rege aspectos particulares da totalidade estudada, para voltar à mesma com melhores possibilidades de explicar o conjunto; por exemplo, aqueles aspectos que dizem respeito ao modo como as pessoas lidam com a realidade no seu imaginário, modos de racionalização, formas peculiares de rebatimento ideológico na cultura, mitos, valores, censuras e proibições sociais pela via da cultura ou da lei... Isso para poder-se contar com um “racionalismo alargado”, com uma ampliação da perspectiva frente aos fenômenos, com distintos veios de análise: o

trabalho empírico tende a exigir(...) teorias auxiliares ou (...) teorias regionais, (...) capazes de analisar dimensões da realidade sem quebra dos fluxos de dois sentidos (...) entre o caráter muito genérico e abstrato de grande parte das teorias disponíveis e as exigências de operatoriedade... (Almeida e Pinto, 1986, p.63 e 73).

Carlos Nelson Coutinho, discutindo com um grupo de estudos sobre teoria e prática, na PUC-SP, em 1991, usa as expressões

teorias concretas, parciais, intermediárias, dizendo que estas, embora sendo “falsas enquanto parciais”, são “verdadeiras enquanto momentos de um processo”, enquanto “momentos da verdade”; que elas “surtem muito em função de totalidades sociais que objetivamente se articulam com maior autonomia relativa das partes”; são necessárias devido à própria “complexificação do ser social...”. Mas alerta que o uso de *teorias auxiliares* (intermediárias, parciais) não pode ser feito *em substituição* a uma *teoria principal*, e sim apenas como recurso auxiliar à impossibilidade da teoria principal dar conta sozinha do desvelamento da realidade.

E em *Pluralismo: Dimensões Teóricas e Políticas*, no mesmo ano, no *Caderno ABESS* nº 4, esse mesmo estudioso, embora confessando reconhecer no marxismo o “ponto de vista mais verdadeiro sobre o social”, entende necessário admitir a grande contribuição de Freud para o “conhecimento do ser humano”. No entanto, considera que seria ecletismo tentar “conciliar a teoria social³ de Marx com a teoria social de Freud”, porque cada uma delas tem princípios explicativos distintos (luta de classes, condicionamentos psicológicos) para os mesmos fenômenos sociais (1991, p.13 - destaques meus). Dessa forma, são posições que não podem ser compatibilizadas como contorno amplo da análise da realidade, como raciocínio maior onde todos os outros raciocínios parciais ganhariam sentido.

Não obstante, Coutinho reconhece que Freud teorizou sobre aspectos particulares da vida do homem que escaparam a Marx ou que não despertaram seu interesse: “a sexualidade da criança”, o “inconsciente psíquico individual” - “todos nós sonhamos”, “cometemos atos falhos, através dos quais esse inconsciente se manifesta como um dado empírico”-; diante disso, entende que “aceitar a teoria freudiana da neurose, a etiologia sexual das neuroses, é absolutamente compatível com a aceitação do marxismo como teoria social”. Isso não cons-

³ **Teoria social:** “Toda generalização relativa aos fenômenos sociais (...) que possa servir de base segura à interpretação”(Dicionário de Sociologia Globo, 1970, p.342) da realidade social. Concorro com José Paulo Netto quanto a que “a teoria social não é uma matéria, uma disciplina ou uma ciência específica” (1986, p. 52); uma teoria social diferencia-se de teorias setoriais (que estudam determinadas classes de fenômenos) pela sua pretensão macroscópica. É característico de uma teoria social pensar o todo social e preocupar-se em explicar os fenômenos ao nível das relações sociais amplas; agora, se essa explicação é buscada mediante um raciocínio que pensa a relação causa e efeito numa perspectiva linear, ou com base no princípio de totalidade dialética, depende da natureza de cada teoria social. No meu entender, o que se tem de mais expressivo e diferencial ao nível de teorias sociais, até agora, é a teoria social positivista e a teoria social de Marx.

titui ecletismo, “porque estamos lidando com dimensões diferentes” (1991, p.13). É o uso de teorias auxiliares para dimensões não contempladas pela teoria geral.

Ainda no *Caderno ABESS* n. 4, Coutinho apresenta outro exemplo; agora de teoria política. Consiste na possibilidade de um marxista aceitar a classificação weberiana de legitimidade (“carismática, tradicional e legal-formal”) que Weber apresenta apenas descritivamente, mas aceitar transcendendo o nível descritivo de análise e penetrando mais fundo na “gênese dessas formas”. Ainda nesse caso não se trata de ecletismo (1991, p.14).

Mas Coutinho vai além: ao trabalhar sobre os “valores pluralistas” do ideário liberal, diz que eles não contribuíram apenas para a consolidação da ordem burguesa, mas constituíram também fator relevante na “formação de uma democracia efetivamente moderna” e que “a proposta socialista democrática” recupera não somente a “tradição democrática moderna - particularmente Rousseau, com seu conceito de vontade geral -, mas também o que de melhor a tradição liberal produziu, liberando o liberalismo (...) de seu vínculo genético com o capitalismo”. Isso porque, como ele conclui, existem, no pensamento liberal, “valores e idéias” que podem ir além da perspectiva capitalista em que nasceram (Coutinho, 1991, p.7-12).

José Paulo Netto, já no *Caderno ABESS* n.1, refere-se às teorias intermédias como “teorias setoriais”, de que se pode valer o estudioso para tratar “mais detidamente” determinados níveis da realidade- (digamos, o psicológico, o cultural, o familiar...), porque não é possível pensar o social enfocando-o como um “bloco”. Mas também adverte que o uso de teorias setoriais deve estar sempre subordinado à “matriz teórica maior”, de perspectiva macroscópica (1986, p.52).

E dentro da preocupação de não absolutizar o valor das teorias auxiliares como explicações autônomas, muitas vezes utilizadas acriticamente e apenas por constituírem o *up to date*⁴ na literatura de certos grupos acadêmicos, José Paulo Netto alerta, a seu modo, em *Cotidiano: Conhecimento e Crítica*, para o perigo da “incorporação

⁴ **Última moda.** Sobre *teria e moda*, veja-se o que dizem Almeida e Pinto”...à avaliação de fecundidade diferencial de teorias que deveria permitir a decadência de umas e a correlativa ascensão de outras, substitui-se por vezes a oscilação, freqüentemente reversível, da moda. (...) setores importantes da comunidade científica transferem-se com armas e bagagens e a ritmo rápido de um paradigma para outro”(1986: 68).

acrítica” de “modismos intelectuais” que entende terem constituído marca expressiva no desenvolvimento do Serviço Social (1987, p.63-64).

Conforme Ernesto Costa, membro de um grupo de estudiosos de Coimbra, em artigo denominado *Ciência(s): A Experiência dos Limites*, publicado na *Revista Crítica das Ciências Sociais*, “existem limites ao pensamento no interior de um único sistema formal” (1989, p. 298) - donde a validação do recurso a análises teóricas complementares. Embora também seja preciso ter o cuidado de não esquecer, conforme observa E. P. Thompson, em seu livro *A Miséria da Teoria: ou um Planetário de Erros*, que “descobertas de certas disciplinas analíticas” não podem ser confundidas com a “‘verdade’ sobre o fenômeno total” (1981, p.166). Mas o que não se pode negar, no entanto, é que essas disciplinas, incidindo sobre aspectos/instâncias (particulares, pois) da vida do homem, ajudam a compreendê-lo como totalidade e como elemento do complexo geral - estruturado e historicamente determinado - em que se encontra inserido, complexo que ele potencialmente influencia e que é, em grande parte, determinante do seu modo de ser na sociedade.

O sábio alerta de Goldmann, em *Dialética e Cultura*, também deve ser chamado a comparecer nesta argumentação. Conforme sua análise, “toda verdade parcial só assume sua verdadeira significação por seu lugar no conjunto, da mesma forma que o conjunto só pode ser conhecido pelo progresso no conhecimento das verdades parciais”, donde se tem que o caminho do conhecimento consiste numa eterna “oscilação entre as partes e o todo”, ambos com a tarefa de se esclarecerem mutuamente (1979, p.5-6).

Boaventura de Sousa Santos, em seu livro *Introdução a uma Ciência Pós-Moderna*, alerta para que o objetivo existencial da ciência deve consistir na democratização e no aprofundamento da sabedoria prática” e concorrer para o “hábito de decidir bem” (1990, p.30-32). E em *Um Discurso sobre as Ciências*, ao discutir os limites da ciência moderna, diz que sua ultrapassagem demanda o alcance de um estágio onde a fidelidade seja menos com parâmetros conceituais e mais com a qualidade de vida do homem; em fazer-se, pois, o conhecimento, afim à realidade humana. Para isso - e diante da concepção de verdade como relativa/provisória - entende a necessidade, entre outras coisas, da “tolerância discursiva” (1988, p.35, p.48-49), embora isso não deva constituir franquia para composições ecléticas.

Também Gregório Baremlitt, médico-psiquiatra e psicanalista, escrevendo para a *Revista Psicologia Atual*, ao falar sobre a diferença entre usar-se da psicologia como um recurso auxiliar na leitura da realidade humana e simplesmente psicologizar a leitura dessa realidade, ou seja, tentar entender e explicar tudo pela psicologia, defende “o uso harmonioso de todos os recursos à disposição do horizonte científico que conduz ao sucesso na luta contra um fenômeno socialmente indesejável”; outrossim, destaca que não se pode fazer de teorias sobre aspectos parciais o veio absoluto de leitura da realidade, porque o uso de diferentes recursos teóricos, embora seja necessário para possibilitar aprofundamento da análise em relação a segmentos particulares do conhecimento, pode levar a perder de vista ou mesmo minimizar a importância de contemplar o fenômeno na totalidade (1983, p.8).

Mas Baremlitt prudentemente acrescenta que, embora já não exista espaço para crer-se que os problemas enfrentados pelos homens são apenas de ordem sentimental, afetiva, inconsciente, “é fundamental saber que o inconsciente existe, e que seus efeitos negativos continuarão a manifestar-se na conduta e na subjetividade dos homens” ...mesmo que os homens se empenhem em “ignorá-los” (1983, p. 7-10).

3. A teleologia e a consciência epistemológica regulando o socorro teórico

Como se pode observar, então, a questão não é só o aval para o uso de teorias parciais; ela abrange também o como valer-se delas, para que sua utilização não se confunda com o trânsito insensato por paradigmas explicativos distintos e que se juntem sincrética e circunstancialmente a partir de singularidades específicas⁵, o que estaria implicando necessário descolamento da totalidade. Totalidade que é destaque indiscutível na teoria de Marx e que também preocupa

⁵ **Real não é soma de partes:** “...a hipótese do determinismo mecanicista é inviabilizada uma vez que a totalidade do real não se reduz à soma das partes em que a dividimos para observar e medir” (Santos, 1988, p.26).

Thompson quando este observa que o materialismo histórico “propõe-se a estudar o processo social em sua totalidade”, porém, tomando esse processo “como uma história total da sociedade, na qual todas as outras histórias setoriais estão reunidas”. Entendido desse modo, ele deve

...ser a disciplina na qual todas as outras disciplinas humanas se encontram. É a **disciplina unitária**, que se deve manter sempre vigilante **face às premissas isoladoras de outras disciplinas** (e a estase ficcional implicada pelo congelamento do processo, em outras), **mas cuja maturidade só pode consistir em sua abertura para as descobertas dessas outras disciplinas**⁶, e na **globalização das mesmas** que efetua (Thompson, 1981, p.82-83 - negritos meus).

No ano de 1993, falando sobre o saber da antropologia, em artigo que analisa os paradigmas do conhecimento e seu reatamento no cotidiano do ensino, da pesquisa e do exercício profissional (no *Caderno ABESS* n. 6), Ana Maria Quiroga Fausto Netto refere-se a ela como um saber de presença até então marginal na formação do assistente social, o que faz com que as formulações teóricas desse ramo do saber sejam (tenham sido) subestimadas como contribuição no processo de leitura da realidade, certamente porque a antropologia prioriza “o cultural, a religião, a família e as redes de relações primárias, as significações e os valores, ou as construções de identidades sócio-culturais” e não “questões políticas”, “movimentos sociais e sindicais”, “relações de classe”...(1993, p.21), entendidos como prioritários pelo Serviço Social por contemplarem mais de perto as temáticas do cotidiano da profissão.

Quiroga destaca a “necessidade do diálogo *com e entre teorias*” porque, dada a complexidade do real, é preciso - para conhecê-lo em extensão e em profundidade - proceder-se distintos percursos teóricos, a fim de contemplar suficientemente as diferentes partes constituintes do todo de relações que é esse real. Mas alerta que o referido diálogo exige critérios, e não pode consistir numa “transposição acrítica de conceitos de um referencial a outro, o que caracterizaria o ecletismo”.

⁶ Diz Thompson: “A questão é que *Marx está do nosso lado; nós não estamos do lado de Marx*. Ele é uma voz cujo rigor nunca será silenciado, mas não foi jamais a única voz, e seu discurso não tem um alcance ilimitado. O citado historiador complementa que devemos nos livrar da “noção realmente escolástica de que os problemas de nosso tempo (e as experiências de nosso século) serão compreendidos pelo rigoroso escrutínio” dos textos de Marx (1981, p.211).

Diz também que as teorias, na sua condição de “construções históricas e sociais, possuem fertilidades interpretativas e limites”, não podendo ser dotadas de onipotência nem contemplar a especificidade de todos os contextos em todos os tempos e, neles ou em qualquer deles, todas as áreas da realidade (1993, p.26). Por isso, podemos e precisamos incursionar por várias delas.

No entanto, para que não se confunda o recurso a teorias auxiliares, como ampliação da perspectiva frente à realidade, com misturas ecléticas, é necessário ter clareza sobre a *teleologia* dos desafios que a realidade impõe e do porquê da necessidade de uma perspectiva ampliada, bem como ter *consciência epistemológica*, que constitui o “eixo necessário” para garantir que o estudioso, o profissional, saiba distinguir entre o recurso a teorias auxiliares a partir de um referencial mais amplo, e o uso anárquico de recursos explicativos diversos inconciliáveis entre si.

Consciência epistemológica consiste em o sujeito ter transparente, para si mesmo, os princípios que aceita em relação ao que pode constituir, para ele, um conhecimento confiável (em termos de objetividade, de verdade, de condições de produção, com destaque, neste último aspecto citado, para a relação sujeito-objeto no processo de conhecer a realidade). E considerando, como diz Coutinho, que concepção de mundo implica “não só uma representação daquilo que é, mas também, e sobretudo, uma representação daquilo que deve ser” (1991, p.14), reforça-se a necessidade, por parte do estudioso/profissional, de *consciência não só epistemológica*, mas também *teleológica*: *teleologia* discutida intersubjetivamente e interdisciplinarmente, sobretudo se a discussão se processar tendo como eixo os valores que a profissão elege historicamente como hegemônicos. Ter clara a teleologia implica na clareza das próprias pretensões e na objetividade das propostas; isso porque a busca teórica para enfrentamento da realidade (leitura e ação) deriva da teleologia do desafio que essa realidade nos coloca, não se podendo esquecer que a natureza dessa teleologia tem relação direta com a natureza da visão de mundo de quem a constrói.

A experiência tem mostrado que as pretensões do profissional não suficientemente explicitadas no ambiente de trabalho concorrem para sua desconsideração e até para um perfil do mesmo como visionário. É o caso dos assistentes sociais que preconizam “participação” sem definir para si mesmo em **que** pretendem ganhar espaço, e/ou daqueles que ainda falam em “transformação” sem adjetivá-la, o

que sugere interpretações as mais variadas. Adjetivar exige reflexão e provoca uma tomada de consciência a respeito da relação entre o discurso que se postula e a ação que se pratica, os valores que se explicita e aqueles que efetivamente orientam nossa ação profissional. Essa tomada de consciência prepara o profissional para o enfrentamento das contradições existentes na realidade e em particular para aquelas potencialmente presentes no comportamento do profissional. Isso tem relação direta com a importância que se confere à clareza da teleologia, o que não corre o risco de parentesco com o pragmatismo se a teleologia não só determinar a busca teórica mas também sofrer os reflexos dessa busca.

Sem dúvida, cada enfoque teórico coloca o estudioso/profissional em determinada perspectiva de análise da realidade, perspectiva essa que, por sua vez, faz emergir questões as quais certamente não viriam à tona em outra ótica, isto é, a partir de enfoque teórico de natureza diversa. E essas questões é que orientam o estudioso/profissional nas suas investigações e nos seus diagnósticos sobre a realidade que lhe interessa conhecer para embasamento de uma ação conseqüente.

E aqui não se pode esquecer também o que diz Triviños, no seu livro *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*, quando, ao falar sobre o uso de conceitos oriundos de formas diversas de ver o mundo, observa que “o pesquisador [o estudioso, o profissional], por coerência, por disciplina, deve ligar a apropriação de qualquer idéia à sua concepção do mundo ...”. (1987, p.13 - colchetes meus).

4. O cientista e o cidadão

Outra polêmica que existe na comunidade científica, mas que em muitas instâncias dela é ignorada, é a coexistência, num mesmo indivíduo, do cientista e do cidadão.

E entendendo, como Goldmann, que o “...pensamento é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro” e que “o conjunto múltiplo e complexo de relações humanas que envolve todo indivíduo cria muito freqüentemente rupturas entre sua vida cotidiana, de um lado, seu pensamento conceitual e sua imagina-

ção criadora, de outro...” (1979, p.8), vejo que ao mesmo tempo em que pode haver, num mesmo sujeito, coerência em termos de análise da compatibilidade entre teorias, do ponto de vista epistemológico, pode existir incompatibilidade entre o comportamento do homem da teoria⁷ e o comportamento desse mesmo homem enquanto cidadão/ “homem comum”.

Desse modo, *não é mais só* a questão da competência para filtrar diferentes leituras parciais, sobre aspectos particulares da realidade (teorias auxiliares) através de uma teoria capaz de abarcar a totalidade e de dar sentido às partes. Não! É mesmo encarar que enquanto o estudioso/profissional entende, por exemplo, que na teoria de Marx está sua linha central de explicação da realidade social, por outro lado confere - igualmente -, na sua vida como cidadão, foro de *determinação maior* - e mesmo de *determinismo* - a instâncias que afirmam o caráter primordial do *espírito* na gênese dos fenômenos sociais, o que, sem dúvida, identifica-se com o idealismo.

O estudioso não pode ignorar, sob pena de postar-se metafisicamente sobre a realidade, que a sociedade brasileira - e não só ela - está assistindo a proliferação de conhecimentos que enfatizam o poder do pensamento e o poder da vontade ou fatores que se postam fora do alcance objetivo do agir humano, como responsáveis pelo desempenho do homem no mundo; dentre esses conhecimentos estão a programação mental e neuro-linguística, a numerologia, a astrologia, o estudo de vidas passadas, formas diversas de esoterismo, novas funções da energia. Além disso, ou mesmo dentro dessa mesma natureza explicativa, não se pode deixar de considerar o apelo, de religiões e seitas, a práticas avivadas que encampam tanto o espiritual (ou pseudo-espiritual) como o potencial tempo de lazer das pessoas, oferecendo-lhes distração e atividades catárticas que terapêuticamente as revitalizam para continuarem a enfrentar o cotidiano “encarnado”, bem como para manterem a resignação diante do que elas não aceitam e/ou não compreendem na sociedade. E não se pode garantir que mesmo um homem zeloso da coerência teórica esteja absolutamente inalcançável por tais explicações/possibilidades e/ou apelos.

⁷ E o homem da teoria continua a enfrentar desafios que o próprio movimento do saber lhe coloca. Habermas observa que “continua a discussão sobre temas que não envelhecem: a discussão sobre a unidade da razão na multiplicidade de suas vozes; a discussão sobre a posição do pensamento filosófico no concerto da ciência; a discussão sobre esoterismo e exoterismo, ciência especializada e esclarecimento...”. (1990: 17).

Trata-se mais de uma questão que se explica para poder-se entender e menos de uma problemática sobre a qual agir, para transformar - ao menos na atual conjuntura - porque, como já se viu, segundo Goldmann o “pensamento [e especialmente o pensamento como afinidade teórica] é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: “o homem vivo e inteiro” (1979, p.8).

Trago aqui essas considerações não propriamente para dar respostas à questão. Faço-o por entender que a clareza no entendimento do pluralismo do ponto de vista teórico-metodológico não encerra a discussão; o sincretismo que impregna o cotidiano do estudioso/profissional como “homem comum” é uma realidade que, em vez de ser descartada - numa atitude de pretenso despojamento baconiano - precisa ser enfrentada para ser objeto de constante auto-crítica (auto-“policiamento” ideológico): trazer à tona, reconhecer para relativizar sua influência na produção do conhecimento e na prática profissional⁸, sob pena de estarmos fugindo de uma evidência que o mundo acadêmico não pode ter medo de enfrentar.

Boaventura de Souza Santos observa que além do questionamento da prática do cientista, “dos instrumentos analíticos e metodológicos de que se serve”, é preciso haver também o “questionamento direto do sujeito epistêmico (o cientista social enquanto produtor de conhecimento) em confronto com o sujeito empírico (o cientista enquanto homem comum...” (1990, p.88), embora seja preciso reconhecer que, conforme Alvin Gouldner, a auto-crítica é também ideológica e que o estudioso precisa ser “suficientemente lúcido para reconhecer que a sua lucidez nunca será plena e que, por isso, o que disser de si e dos seus pressupostos ideológicos será, em maior ou menor medida, ideologicamente distorcido” (apud Santos, 1990, p.91).

O maior contributo da reflexividade, segundo Boaventura de Sousa Santos, “é o de ter tornado claro que os cientistas em geral e os cientistas sociais em particular são seres humanos e que são tão seres humanos os cientistas reflexivos quanto aqueles sobre os quais eles refletem” (1990, p.100).

⁸ “Bourdieu (...) diz que o sociólogo não pode ser sociólogo dos seus adversários e ideólogo de si mesmo. Muito antes dele, em 1916, John Dewey advertia exatamente no mesmo sentido: ‘É uma velha história que filósofos, teólogos e teóricos sociais estão tão certos de que os hábitos pessoais e os interesses determinam as teorias dos seus adversários quanto estão certos de que as suas crenças são absolutamente universais e objetivas’ ” (apud Santos, 1990, p.100).

5. Mas... a aventura teórica exige prudência!

Finalizando estas reflexões sobre a natureza do conhecimento orientador das ações cotidianas do assistente social, lembro o encorajamento que nos faz Lucien Goldmann: “Não hesitar em entrar em conflito com os preconceitos mais arraigados, as autoridades mais estabelecidas, as verdades aparentemente mais evidentes e, *antes de tudo*, não temer qualquer ortodoxia nem qualquer *heresia...*” (1986, p.49). Não temer, pois, o enfrentamento de parâmetros pretensamente reguladores de que tipo de conhecimento podemos ou não podemos usar, até porque, ainda segundo o mesmo Goldmann, “o reconhecimento social, no plano moral, dirige-se aos filósofos do desespero, no plano científico, às teorias ‘formais’, aos pesquisadores das ‘constâncias’...” (1986, p.65).

Por sua vez, Pedro Demo, no *Seminário de Pesquisa comemorativo dos 20 Anos do Curso de Mestrado em Serviço Social da PUCRS, em Porto Alegre* (1997)⁹, reforça isso quando diz, com a ousadia que caracteriza sua fala, que “filiação teórica só existe para vassalo” e que o “importante é saber pensar”, é ter “consciência crítica”, é ter “capacidade desconstrutiva”: saber “desconstruir... para reconstruir”; é preparar o sujeito para “ressuscitar” de seus questionamentos. Que a idéia de profissão hoje não é de saber tudo, mas de saber enfrentar novas coisas, novos desafios, principalmente em termos do conhecimento orientador da ação, porque é preciso ter sempre em mente que “todo discurso lógico tem implicações que não são lógicas” e que “não há nada mais profissional do que saber pensar”.

Demo diz ainda que não só todo conhecimento deve poder ser questionado como também todo questionamento deve ser questionável, porque a ciência é um mito de passagem e está sempre submetida ao crivo da sociedade. Entendo que, no caso do Serviço Social, o crivo do conhecimento é feito, sem dúvida, pela sua capacidade de servir à prática que é onde se expressa o assistente social como categoria profissional. Por isso, Demo também é contra ter-se uma teoria oficial e, conseqüentemente, ter-se medo de pecar contra ela. E, se o mais importante é saber pensar, para poder agir, temos que concordar com ele que o

⁹ Pedro Demo trata disso também no seu livro “*Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*”

bom cientista é o cientista “infel” - em relação ao previamente dado, ao previamente estabelecido, ao previamente condenado.

Não se pode negar que existem abordagens férteis em termos de ajuda para a compreensão de aspectos particulares, o que indiscutivelmente contribui na explicação global; no entanto, é preciso também ter presente que essas mesmas abordagens, se tomadas como unilateralidade, obstaculizam o conhecimento da essência dos fenômenos e especialmente das interrelações entre eles.

Sem dúvida, a realidade pode e deve ser olhada de diferentes prismas, perspectivas, instâncias, para que o concreto que brote em termos de conhecimento da mesma -como o máximo permitido pela realidade e pela consciência do estudioso/analista/profissional- seja efetivamente síntese de múltiplas determinações, como entende Marx. Mas, a guerra aos dogmatismos e à inaptidão das grandes teorias para, por si só, darem conta da análise da realidade, bem como o estímulo à convivência de (não “das”) diferentes teorias -umas mais genéricas e abrangentes e outras mais adstritas a instâncias específicas da vida do homem- exige prudência. Assim, a postura aberta tem que ser, ao mesmo tempo, uma postura crítica, pois o intercâmbio entre diferentes tipos de conhecimento (teórico, senso comum) e entre teorias de distintas naturezas e de alcances diversos requer vigilância, para que as mudanças se façam em função de afinidades epistemológicas/filosóficas e não por modismos ou critério simplesmente pragmático para responder a alguma circunstância dada¹⁰.

ABSTRACT

This text deals with the nature of the knowledge that guides the practice of the social assistant facing the challenges of everyday's work, debating the necessity that every knowledge is made present in the worker in an effective way, from which derives an analysis about the importance of criticism against every establishment. This leads to a reflection about the link between scientific knowledge and common sense knowledge, as also to the

¹⁰ A esse respeito, Thompson adverte que “...pode e deve haver intercâmbio com outros conhecimentos e teorias. Mas o intercâmbio envolve vigilância, na medida em que a moeda teórica de uma disciplina é convertida na moeda de outra. A filosofia não deve se postar em todas as fronteiras como um traficante, oferecendo um papel-moeda espúrio, 'universal', com circulação em todas as terras. Poderia, em vez disso, funcionar como uma vigilante casa de câmbio” (1981, p. 58).

Munhoz, Divanir E.N. *A natureza do conhecimento orientador da prática do assistente social...*

matter of pluralism and eclectism. It also debates the importance that the worker understands the connection between the level of theoretical universality and its potentiality to serve the level of concrete particularities/singularities, which the social assistant faces during everyday's practice: the necessity of learning how to work with mediation.

KEY WORDS

theory-practice relation, science-common sense, scientist-citizen, universality-singularity mediation, pluralism

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. e PINTO, José Madureira. Da teoria à investigação empírica: problemas metodológicos gerais. In: SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (Orgs.). **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Afrontamento, 1986.

BAREMBLITT, Gregório Franklin. Psicologia e Psicologismo. **Revista Psicologia atual**, São Paulo: Spagat, ano VI, n. 35, São Paulo: Grupo Editorial Spagat, p. 6-10, dez./1983.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. A pesquisa no debate contemporâneo e o Serviço Social. **Cadernos ABESS**. São Paulo: Cortez, n. 5, p.43-66, maio/1992.

COSTA, Ernesto. Ciência(s): a experiência dos limites. **Revista Crítica das Ciências Sociais**, Coimbra, ns. 27/28, p. 293-300, junho/1989.

COUTINHO, Carlos Nelson. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas. **Cadernos ABESS**, São Paulo, n. 4, : Cortez, Maio/1991.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Discussão no Grupo de Estudos sobre teoria e prática**. Pós-graduação em Serviço Social. São Paulo: PUCSP, junho/1991a.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Social e Ação Profissional**. Conferência proferida no Seminário de Pesquisa em Serviço Social (Evento comemorativo dos 20 anos do Curso de Mestrado na PUCRS). Porto Alegre: PUCRS, 10/9/1997.

DICIONÁRIO de Sociologia. Porto Alegre: Globo, 1970.

FAUSTO NETO, Ana Maria Quiroga. Produção científica e formação profissional: os paradigmas do conhecimento e seu reatamento no cotidiano do ensino, da pesquisa e do exercício profissional. **Cadernos ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 6, p. 20-28, set./1993.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia: o que é a Sociologia?** (Trad. Lupe Cotrim Garaude e José Arthur Gianotti). 10.ed. São Paulo: Difel, 1986.

Munhoz, Divanir E.N. *A natureza do conhecimento orientador da prática do assistente social...*

GOLDMANN, Lucien. **Dialética e Cultura** (Trad. Luiz Fernando Cardoso e Carlos Nelson Coutinho). 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história** (Trad. Carlos Nelson Coutinho) 8. ed. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos** (Trad. Flávio Beno Siebeneichler). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx.** (Trad. Carlos Nelson Coutinho). São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. In: **Karl Marx e Friedrich Engels: obras escolhidas.** São Paulo: Alfa-Omega, 1988. v. 3.

NETTO, José Paulo. Participação no painel Teoria, método e história na formação profissional. **Cadernos ABESS**, São Paulo: Cortez, n. 1, p. 43-72, out./1986.

NETTO, José Paulo. Para a crítica da vida cotidiana. In: NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica.** São Paulo: Cortez, 1987. p. 63-93.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** 2.ed. Porto, Edições Afrontamento, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna.** 2.ed. Porto, Edições Afrontamento, 1990.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros** (Trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.